



ASPECTOS CLÍNICOS, DIAGNÓSTICO E DESAFIOS TERAPÊUTICOS DA ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

DINIZ, P.J.G.A.D; VERAS, A. G; SILVA, L.J.S; BRANDÃO, I. S. L; FERREIRA, M. A. S.;
LEÃO, I.S.S.

Palavras Chaves: Arranhaduras; Citopatologia; *Sporothrix*; Zoonose.

A esporotricose felina é uma micose subcutânea de caráter zoonótico, causada por fungos do complexo *Sporothrix*, especialmente *Sporothrix brasiliensis* e *Sporothrix schenckii*, sendo considerada uma enfermidade emergente no Brasil e de grande relevância para a saúde pública. A transmissão ocorre principalmente por meio de arranhaduras, mordeduras ou contato direto com o exsudato de lesões cutâneas de felinos infectados, o que confere aos gatos papel central na cadeia epidemiológica da doença, especialmente devido à sua proximidade com humanos e outros animais. Clinicamente, a esporotricose caracteriza-se pela presença de lesões cutâneas nodulares, ulceradas e exsudativas, frequentemente localizadas na cabeça, membros e cauda. Essas lesões podem evoluir ao longo dos vasos linfáticos, configurando a forma cutâneo-linfática, ou progredir para formas disseminadas, com comprometimento sistêmico, especialmente em animais imunossuprimidos. Em felinos, observa-se elevada carga fúngica nas lesões, o que aumenta significativamente o potencial de transmissão e contribui para a gravidade do quadro clínico. O diagnóstico da esporotricose felina baseia-se na associação entre o histórico clínico, o exame físico e exames laboratoriais complementares. A citopatologia é amplamente utilizada na rotina clínica por sua praticidade e rapidez, permitindo a identificação de leveduras com formato característico. A cultura fúngica permanece como o método padrão-ouro para confirmação etiológica, possibilitando o isolamento e a identificação do agente. O exame histopatológico também pode ser empregado, sobretudo em casos de difícil diagnóstico, contribuindo para a avaliação das alterações teciduais e resposta inflamatória. O tratamento da esporotricose felina representa um desafio clínico relevante, principalmente devido à necessidade de terapias prolongadas, ao custo dos medicamentos e à dificuldade de adesão por parte dos tutores. O itraconazol é considerado o antifúngico de primeira escolha, sendo administrado por via oral até a completa remissão clínica, o que pode demandar semanas a meses de tratamento. Em casos mais graves ou refratários, podem ser utilizados fármacos alternativos, como iodeto de potássio, terbinafina e fluconazol, embora esses apresentem variações na eficácia e maior risco de efeitos adversos. Do ponto de vista epidemiológico, a persistência e expansão da esporotricose estão associadas a fatores como a elevada população de gatos errantes, a ausência de controle populacional eficaz, a subnotificação dos casos e a limitação no acesso ao diagnóstico e tratamento. Além disso, a baixa conscientização da população sobre os riscos zoonóticos contribui para a disseminação da doença, tornando-a um importante problema de saúde pública em diversas regiões do país. Dessa forma, a esporotricose felina configura-se como um desafio significativo para a medicina veterinária e saúde pública, exigindo uma abordagem integrada que inclua diagnóstico precoce, tratamento adequado, controle populacional de felinos e ações contínuas de educação em saúde.

Referências Bibliográficas



CERQUEIRA, L. B. G. et al. Epidemiologia e controle da esporotricose felina no Brasil: revisão. Revista Sociedade Científica, [S. l.]. 7(1): 5245–5253, 2024. DOI: <https://doi.org/10.61411/rsc202484117>

GUIMARÃES, T. M.; GUIMARÃES, A. B. Esporotricose felina: relatos de caso. Pubvet, Maringá. 16(1): 1-6, 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n01a1005.1-6>

MELO, N. A. V. A importância da esporotricose felina no contexto da saúde única: Revisão. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research. 6(2): 1458-1479, 2023. DOI: 10.34188/bjaerv6n2-042

REGIS, W. C. et al. Esporotricose felina: perspectiva sanitária zoonótica. Revista Sertão Sustentável. 7(2): 79-97, 2025.

SANTOS, J. M. S.; TOLEDO, G. N. Esporotricose em gatos: revisão de literatura. Revista COOPEX, [S. l.]. 14(1): 191-199, 2023.

